

## Revitalização Museológica do Museu Gruppelli: em busca de um Museu Etnográfico

**OLIVEIRA, Caroline Dias;<sup>1</sup> CASTRO, Renata Brião; LEMOS, Fabiane Garcia;<sup>3</sup> LOPES, Samira Sousa;<sup>4</sup> WAZENKESKI, Verlaine Fátima;<sup>5</sup> RIBEIRO, Diego Lemos<sup>6</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas/Bacharelado em Museologia; <sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas/Bacharelado em Museologia; <sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas/Bacharelado em Museologia; <sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas/Bacharelado em Museologia; <sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas/Bacharelado em Museologia; Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Museologia Conservação e Restauro – [dirmuseologo@yahoo.com.br](mailto:dirmuseologo@yahoo.com.br)

### 1 INTRODUÇÃO

Localizado na Colônia Municipal (7º Distrito) de Pelotas, o Museu Gruppelli foi criado em 1998 por anseio da comunidade, por uma iniciativa da Prof.<sup>a</sup> Neiva Vieira e do Fotógrafo Neco Tavares. Durante os primeiros dez anos, o Museu se manteve sem orientação técnica, sendo conservado apenas sob os cuidados da comunidade e de seus fundadores.

No ano de 2008 a Universidade Federal de Pelotas, por meio do Curso de Bacharelado em Museologia, recebeu o convite para então estabelecer uma parceria entre o Museu e a Universidade. A partir de então, iniciou-se o projeto de extensão “Revitalização Museológica do Museu Gruppelli: em busca de um museu etnográfico”, que deu partida a diversas ações com vistas a qualificar o espaço museológico, sobretudo no que tange à exposição. Ao longo desses quatro anos, foi possível perceber o amadurecimento do Museu enquanto instituição, sem perder a referência com a dinâmica comunitária.

Diante da concretização das primeiras atividades propostas – tais como: qualificação da exposição, sonorização do espaço, melhorias na iluminação, documentação do acervo, dentre outros- foi preciso definir novas frentes de trabalho e planejar ações futuras. A partir dessa reflexão, estabelecemos que, em cada semestre, seria realizada uma exposição temporária para compor com o discurso central do Museu, que se resume em: salvaguardar as memórias que orbitam os modos de vida e a dinâmica social, especialmente no que se refere ao trabalho e ao lazer da comunidade local.

A partir dessa prerrogativa, partimos então para a concepção da primeira exposição temporária. Diante de um número significativo de máquinas de costura em reserva técnica, e ao perceber que a profissão de costureira está perdendo força na colônia, foi pré-estabelecido que a exposição teria como tema principal a costura.

Partindo da premissa da sociomuseologia, concordamos com Hugues de Varine quando afirma que “fica claro para os museólogos conscientes que o seu lugar na sociedade e dos agentes sociais é o de buscar um conjunto de soluções provenientes de uma observação e de uma escuta das comunidades do entorno” (VARINE-BOHAN, 2008, p. 15). Nesse enfoque, por meio desta exposição, intentamos criar um elo maior com a comunidade e tentar recuperar o hábito da costura ao inserir as vozes das costureiras ao discurso do Museu.

Se, de acordo com a Museóloga Cristina Bruno, o discurso expositivo é um dos produtos visíveis do processo de musealização (BRUNO, 1996), ao conceber tal exposição, buscamos dinamizar as ações do museu de forma a extroverter ao público os trabalhos e pesquisas que vêm sendo realizadas pela equipe do projeto.

Denominada de “Costurando a Memória”, a mesma permanece aberta ao público até dezembro deste ano e, além de trazer ao visitante o hábito da costura na colônia, criamos meios para que este ajude a incrementar o acervo do museu por meio de depoimentos que relatam suas experiências com a costura.

## **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

Para o desenvolvimento deste projeto foi necessário, em um primeiro momento, o mapeamento de costureiras da região; a partir disso, foram realizadas entrevistas com parte delas. Buscou-se, também, a investigação sobre o acervo que seria exposto a fim de recuperar informações sobre a história dos objetos, de forma a estabelecer uma melhor comunicação entre o público e a temática proposta.

Para incrementar o diálogo com o visitante, foi feito o uso de iconografia, de sonorização de máquinas trabalhando, de objetos autênticos que estavam em reserva técnica, de material de apoio e, nomeadamente, da escuta das falas das costureiras, que foram coletadas, editadas e disponibilizadas ao público. Buscamos com essa variedade de suportes de informação, propor uma Reflexão do público com a realidade desta profissão que vem esmaecendo na colônia.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com a montagem da exposição é possível dizer que o principal resultado obtido foi o fortalecimento do elo com a comunidade, pois foi a partir da escuta de experiências das costureiras locais que se fundamentou o trabalho. Em outras palavras, o projeto expositivo foi desenvolvido “com” a comunidade e não “para” a comunidade, desde o início de sua concepção até mesmo ao processo de sua montagem.

O segundo principal resultado foi o ganho de experiências obtidas pela equipe do Museu, com relação às etapas de uma montagem de exposição, na medida em que o ensino se reverte em experiências práticas, por meio de ações de extensão e, tanto os acertos como os erros geram produtos para todos os atores diretamente envolvidos com o projeto.

Mas vale ressaltar que existem resultados que não podem ser ainda avaliados, pois a exposição foi inaugurada há pouco; no entanto já podemos perceber uma questão pela simples observação: as pessoas experimentam a pode-se perceber previamente, pela simples observação, que os visitantes se envolvem com a exposição, permanecem por mais tempo explorando e vivendo o Museu, se satisfazem com o que veem. Por outro lado, identificamos que os visitantes ainda não se sentem à vontade para compartilhar as suas histórias, por meio da utilização de folhas de anotações colocadas ao seu dispor.

## 4 CONCLUSÃO

Com a exposição recém-inaugurada, torna-se difícil de realizar uma avaliação concreta e aprofundada. O que se tem de mais substancial para a realização de uma avaliação parcial, até o presente momento, são os relatórios elaborados pela equipe do Museu a cada fim de semana. Nesses relatórios consta a observação de como os visitantes estão interagindo com a exposição, se os mesmos usufruem dos espaços e dos recursos, ou se mantêm apenas como um receptor passivo.

A continuidade do processo de avaliação é o princípio que garante que os processos se tornarão sistemáticos e permitirão a comparabilidade dos resultados no decorrer do tempo. Atribui à avaliação uma característica longitudinal.(CURY, 2005, p.129)

Mas vale salientar que, mesmo em seu estágio embrionário é possível perceber de forma clara que a exposição está sendo muito bem aceita pela comunidade e por turistas. Acreditamos que, a partir dessa iniciativa, o Museu passa a ser reconhecido, a ter maior visibilidade e conseqüentemente a ser mais valorizado, incrementando a autoestima da comunidade local.

Com o término da exposição será possível avaliar de forma mais aprofundada os seus resultados por meio do estudo de público, esta ferramenta sistemática de trabalho dará subsídios para termos uma avaliação quantitativa e qualitativa do produto que ela gerou ao Museu, à comunidade e também à sua equipe.

## 5 REFERÊNCIAS

BRUNO, Maria Cristina. Formas de humanidade: concepção e desafios da musealização. **Cadernos de Sociomuseologia**. Revista Lusófona de Museologia, Vol. 9, no. 9, 1996. Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

VARINE-BOHAN, H. - Museus e Desenvolvimento Local: um balanço crítico. IN: **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento**: São Cristóvão, Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.